

## UMA BUSCA INCESSANTE PELA LIBERDADE: VOZES FEMININAS QUE ECOAM EM *NIKETCHE*, DE PAULINA CHIZIANE

Sabrina dos Santos Pinheiro<sup>1</sup>  
Claudianny Afonso da Silva<sup>2</sup>  
Maria Analice Pereira da Silva<sup>3</sup>

### RESUMO

Os discursos patriarcalistas solidificam a construção de padrões hegemônicos que alimentam o distanciamento entre os lugares ocupados pela mulher em relação ao homem na sociedade, unificando o seu papel enquanto esposa, mãe e mulher. Ladeado a isso, estão as situações de opressão e a subalternização da figura feminina. Este trabalho visa, assim, analisar a condição da mulher moçambicana frente a presentificação dos padrões patriarcais embutidos na sociedade de Moçambique e, para tanto, recorre à Literatura como instrumento de representação e abertura de espaço para o vozeamento da mulher negra, capaz de enunciar e denunciar relações hierárquicas e assimétricas. Nesse sentido, objetiva-se compreender a busca das personagens mulheres no romance *Niketche: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane, pela desconstrução de padrões patriarcais embutidos na sociedade, bem como a luta em prol da voz ativa, através da denúncia e reivindicação aos seus direitos e a própria condição como mulher na sociedade. Assim, através de uma abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico-exploratório, as discussões são apoiadas nos pressupostos de Evaristo (2007), Cunha (2010), Beauvoir (2016), além da própria Chiziane (1994; 2004 e 2021). Através da análise, constatamos que a vocalização e a união feminina é basilar para a conquista de espaços na sociedade; além disso, esse eixo temático de estudos contribui para reflexões acerca do lugar de fala da mulher negra moçambicana e discussões em relação ao machismo socialmente instaurado.

**Palavras-chave:** Mulher moçambicana, Literatura, Paulina Chiziane, Vocalização feminina.

### INTRODUÇÃO

Os discursos patriarcalistas foram sendo tecidos e instaurados em níveis sociais, culturais, políticos e econômicos, contribuindo para a construção, primazia e reprodução de um ideário da mulher enquanto ser gerador da vida, cuidadora do lar e obediente ao cônjuge. É sob essa perspectiva que analisaremos a busca das personagens mulheres em

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras com habilitação em Língua Portuguesa - IFPB, [sabrinapinheiro262@gmail.com](mailto:sabrinapinheiro262@gmail.com) ;

<sup>2</sup> Graduanda em Letras com habilitação em Língua Portuguesa - IFPB, [claudianny.afonso@academico.ifpb.edu.br](mailto:claudianny.afonso@academico.ifpb.edu.br) ;

<sup>3</sup> Professora titular do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba- IFPB, [maria.analice@ifpb.edu.br](mailto:maria.analice@ifpb.edu.br).

*Niketche: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane, pela desconstrução de padrões patriarcais embutidos na sociedade moçambicana, apresentando o largo percurso pela conquista da voz feminina, através da denúncia e reivindicação aos seus direitos e a própria condição como mulher na sociedade.

A obra revela os contrapontos entre a tradição e a modernidade na sociedade moçambicana, ao passo que aborda, respectivamente, a obediência e dependência absoluta da mulher ao seu marido, bem como seu grau de inferioridade mediante a ele, sobressalta a luta em busca da liberdade, vez e voz que lhes são negadas e silenciadas em seu país. Assim, a narrativa ficcional apresentada por Chiziane dimensiona o real, já que através de mecanismos verossímeis retrata o cotidiano de mulheres em Moçambique, o sofrimento árduo, além da invisibilidade, tanto conjugal quanto social e, principalmente, o propósito comum entre todas: a fuga da submissão masculina.

Nesse sentido, por meio de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, fundamentada teoricamente nos estudos de Evaristo (2007), Beauvoir (2016), além da própria Chiziane (1994; 2004 e 2021), discutiremos os conflitos e reivindicações da mulher moçambicana em *Niketche*. Para tanto, dividimos a análise da obra em duas partes: na primeira, apresentamos a atuação da autora frente à temática da condição feminina, vítima da opressão social e conjugal. Na segunda parte, analisamos no romance, além da presentificação do padrão submissivo, detido pela dependência emocional e financeira ao cônjuge, a luta feminina pela libertação e quebra das amarras machistas. Os resultados apontam que a vocalização feminina é basilar para a conquista de espaços na sociedade, embora a obra ratifique que a mulher ainda não obteve, em sua totalidade, a independência, busca e reivindica incessantemente para concretização integral. Logo, a narrativa configura-se como instrumento de apelo para que as vozes femininas possam ecoar como agentes capazes de transformar suas próprias realidades.

## **PAULINA CHIZIANE: A FORÇA DO DISCURSO FEMININO**

Paulina Chiziane nasceu em 1944, em Manjacaze, no Sul de Moçambique. Ávida “contadora de histórias”, como assim define-se, concebe o papel do literato como ser testemunhal, que transcende a mera história escrita no papel e produz uma narrativa dotada de sentimentalismo próprio e do seu entorno, é nessa perspectiva que a autora recorre a encenação literária como forma representativa das relações histórico-sociais presentes na sociedade moçambicana, nesse sentido, intrinsecamente, aponta as inegáveis marcas do colonialismo português, tal qual lançaram mão de um espaço ainda mais propício para divisão dos papéis sociais, restringindo a mulher aos afazeres domésticos, enquanto cabia ao homem sua atuação no âmbito público, conforme aponta Cunha:

“A vida para essas mulheres africanas foi sempre de restrições quanto ao que lhes era oferecido. A elas, não era permitido participação à vida social e econômica do país, tampouco era consentido opinar nos assuntos da casa, já que no lar e na relação a dois era a voz masculina

quem ditava as regras, restando a sujeição e o silenciamento, este acentuado durante o período colonial.”(CUNHA, 2010, p. 65)

É através dessa escrita de resistência que Chiziane apresenta suas contribuições em prol da luta pelos direitos das mulheres, sua representatividade e a desconstrução de padrões patriarcais opressores.

Com o propósito de compreender a posição feminina ocupada na sociedade de Moçambique, foi a primeira mulher moçambicana a publicar um romance, em 2021, foi a vencedora do Prêmio Camões, famigerado em Língua Portuguesa, sendo a primeira escritora africana a ganhá-lo. Logo, sua escrita simbólica é marca representativa de questões e pessoas invisibilizadas, sobretudo, mulheres. Assim, a autora usa do poder da escrita para descortinar temáticas pungentes na sociedade, revelando a necessidade da atuação ativa da mulher, de modo a contribuir na abertura de espaços de discussões que fomentem a representatividade feminina com vistas a uma condição emancipatória e abrasiva em relação às formas de silenciamento, opressão e submissão.

Além de contista, estreou no gênero romance em 1990, com a obra *Balada do Amor*. Dentre sua produção literária, destacamos *Niketcke: uma história de poligamia*, nosso objeto de análise, e outras como: *Ventos do Apocalipse* (1995), *O Sétimo Juramento* (1999), e a mais recente, *O alegre canto da perdiz* (2008). Chiziane apresenta sua escolha de escrita literária como uma necessidade de engajamento feminino, abordando os embates que reverberam em mulheres moçambicanas

“Olhei para mim e para outras mulheres. Percorri a trajetória do nosso ser, procurando o erro da nossa existência. Não encontrei nenhum. Reencontrei na escrita o preenchimento do vazio e incompreensão que se erguia à minha volta. A condição social da mulher inspirou-me e tornou-se meu tema. Coloquei no papel as aspirações da mulher no campo afectivo para que o mundo as veja, as conheça e reflita sobre elas.” (CHIZIANE, 1994, p. 16)

Nesse sentido, a temática destacada pela autora advém de uma reflexão sobre sua própria condição enquanto pertencente àquele contexto social, embutido culturalmente de subordinação, incompreensão e exclusão. É o que Conceição Evaristo (2006) conceitua como *Escrivivência*, a escrita de vivências que narra não só uma história única e individual, mas que funciona como forma de dar voz e possibilitar reflexões mediante um determinado grupo ou comunidade. Com isso, sua proposição move-se em direção à semear possibilidades de (re) existência, na busca de (re)constituir além da fala, valores que foram destituídos. Sua tessitura poética percorre pelas dores e percalços que permeiam a vida da mulher na sociedade de Moçambique, mas que também encara seus dissabores, persistindo, tornando-se resiliente e mostrando uma força que é sua por natureza.

“Mulher é tronco de salvação para as vítimas de todos os naufrágios. Mulher é ciclo da natureza. Perfeito. Completo. No verão ela é sombra frondosa para repousar o cansaço dos grandes guerreiros. No inverno ela emana, do seu corpo, calor imenso, que cobre a terra inteira. Na primavera, ela é a flor de todas as cores que alegra a natureza. No outono, é a semente que se esconde, anunciando primaveras vindouras. O coração do universo inteiro palpita no ventre de uma

mulher. Toda mulher é terra, que se pisa, que se escava, que se semeia. Que se fere com pisadas, com pancadas, com socos e pontapés. Que fertiliza. Que se infertiliza. A mulher é como a primeira morada. A última morada. [...] A mulher é forte como as rochas do monte Vumba. Suave como as ervas dos prados. Generosa e fértil como as terras negras do vale do Zambeze. Benevolente como um campo de milho.” (CHIZIANE, 2004, p. 276- 277).

A partir dessa analogia, traduz subjetivamente a imagem da mulher de acordo com as situações que é submetida, assim como cada período do ano transita por dinâmicas e formas distintas de complexidade e resistência, a mulher é cíclica como a natureza, capaz de enfrentar as adversidades e se reinventar constantemente, logo, Chiziane desconstrói estereótipos que subalternizam, deturpam e suprimem a condição feminina. A abordagem da escritora não abarca tão somente a atuação da mulher na esfera social, mas também no campo afetivo, em que é, mormente, atrelada a um objeto de subjugação.

Embora Chiziane e Evaristo estejam inseridas em espaços culturais e contextos sócio-históricos distintos, lutam e (re)pensam acerca do mesmo ideal: a condição de mulheres negras e o registro de suas vozes até há pouco tempo silenciadas. Para Evaristo (2007), escrever

“(...) pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação.”

Assim, a literatura das escritoras configura-se como uma expressão pessoal e afirmação identitária ao assumirem papéis que rompem com aquilo que lhes foi imposto historicamente pela(s) sociedade(s), resistindo as relações de poder, dominação, a partir da reivindicação à quebra de processos culturais hegemônicos.

Nessa perspectiva, em *Niketcke: uma história de poligamia* - lançado em 2002, é abordada condição da mulher na sociedade moçambicana, a vigência dos descomedimentos provenientes do patriarcalismo, seguido de violências simbólicas contra mulheres negras e africanas, explicitando, à priori, o silenciamento e, à posteriori, a busca pelo vozeamento através de denúncias contra o cenário desprezo e objetificação, propondo, assim, reflexões sobre sua própria identidade, ao passo que revê seu papel enquanto esposa, mãe e, principalmente, mulher. Desse modo, a autora, intencionalmente, denuncia ao longo da narrativa a cultura machista e reitera a necessidade de luta contínua com vistas a obtenção da independência feminina, conforme apresentamos na análise a seguir.

## **ENTRE A SUBORDINAÇÃO, TRADIÇÃO PATRIARCAL E A ASCENSÃO PELA LIBERDADE**

O processo de subalternização, conforme apontado por Crenshaw (2012), está assentado em dois ou mais eixos de interseccionalidade, logo, o racismo e o patriarcalismo configuram-se como fontes geradoras de desigualdades frente ao processo das diferentes posições ocupadas pela mulher negra na sociedade em relação ao homem.

Essa problematização temática é apresentada ao leitor em *Niketche*, pela narradora protagonista Rami, assim intitulada, ao narrar quase que inteiramente através de seus pensamentos, percepções e sentimentos. Nesse viés, a personagem busca exprimir as dores que vivencia em virtude da submissão, como também do patriarcado instituído socialmente que configura a mulher como ser infame e degenerado, alvo de violência física, verbal e psicológica ao ser colocada debaixo da ombreira do cônjuge, sem a possibilidade, à priori, de buscar meios que a torne independente e dona de si, funcionando como um brinquedo para seu esposo, que pode ser usado, quebrado e jogado fora, no exercício estrito do papel de esposa e mãe.

Nessa perspectiva, semelhante à narrativa, os padrões patriarcais demarcam a diferença entre as posições ocupadas pelo homem e pela mulher na sociedade, tal assimetria parte desde a construção da concepção de gênero, definida por Scott como "um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos; é uma forma primeira de significar as relações de poder" (Scott, 1990, p. 86), sendo capaz, portanto, de elevar graus de disparidade. Os reflexos dessa homogeneização, a partir da transformação das diferenças entre os sexos em contextos desiguais, incidem na manutenção das tradições sexistas, permitindo que a mulher seja vista enquanto sujeito passivo, submisso e do lar. Assim, há uma dissociação entre "a identidade de gênero da identidade natural". Nós não somos por causa do nosso sexo, mas nos tornamos pelo que nos é ensinado e cobrado, em decorrência do nosso sexo (Passos, 2000, p.44)."

Desse modo, a opressão e a desvalorização advêm das atribuições feitas perante a condição humana do sexo feminino cristalizadas em discursos de gênero que enaltecem a superioridade, impunidade e obediência ao homem. Na obra, a mulher é assim representada: um ser castrado, que sofre um corte por conta de seu gênero biológico, presa às amarras do parceiro. Dessa forma, aparece sem forças para nadar contra concepções socioculturalmente instituídas

"Eu sou aquela que tem um espelho como companhia no quarto frio. Que sonha o que não há. Que tenta segurar o tempo e o vento. Só tenho o passado para sorrir e o presente para chorar. Não sirvo para nada. As pessoas olham para mim como uma mulher falhada. Que futuro espero eu? O marido torna-se turista dentro da própria casa."

A protagonista criada por Chiziane, desnuda, portanto, sua condição de dependência ao parceiro, trazendo à tona o sentimento de inutilidade, atravessada na e pela dor, ao se enxergar sozinha ao passo que seu parceiro não se faz mais presente no próprio lar. A partir disso, Rami discorre sobre prática poligâmica por ele exercida:

“O coração do meu Tony é uma constelação de cinco pontos. Um pentágono. Eu, Rami, sou a primeira- dama, a rainha- mãe. Depois vem a Julieta, a enganada, ocupando o posto de segunda- dama. Segue- se a Luísa, a desejada, no lugar da terceira- dama. A Saly, a apetecida, é a quarta. Finalmente a Mauá Saulé, a amada, a caçulinha, recém - adquirida.”

A linguagem metafórica empregada mostra subjetivamente a naturalização do sistema poligâmico vigente na sociedade moçambicana, no qual permite que um homem tenha várias mulheres. De acordo com Munanga (2007), o casamento é um divisor de águas dentro desse contexto, pois “(...) ser adulto é, antes de tudo, ser casado, ser pai e ser mãe (...)”, logo, é a partir dele e da constituição de uma estrutura familiar que o indivíduo se faz socialmente em Moçambique, desse modo, a poligamia seria tomada como uma forma de celebração da família e, conseqüentemente, uma prática relativamente comum. No romance, Tony é o patriarca, possuindo, além da sua esposa Rami, mais quatro amantes, sua ausência na vida das cinco mulheres e dezesseis filhos refletem no sofrimento afetivo e psicológico, além do direcionamento à responsabilidade e dedicação integral dessas mulheres aos lares e aos filhos. Além disso, Tony recebe apoio da família no que diz respeito à manutenção dessas relações, durante conflitos, recorre e recebe amparo, sobretudo, da figura da mãe, demarcando, assim, a reprodução dos padrões de costumes instaurados na sociedade de Moçambique.

“Poligamia é um exército de crianças, muitos meios-irmãos crescendo felizes, inocentes, futuros reprodutores dos ideais de poligamia. Embora não aceite, a minha realidade é esta. Já vivo na poligamia. Poligamia é ser mulher e sofrer até reproduzir o ciclo da violência. Envelhecer e ser sogra, maltratar as noras, esconder na casa materna as amantes e os filhos bastardos dos filhos polígamos, para vingar-se de todos os maus-tratos que sofreu com a sua própria sogra.” (CHIZIANE, 2021, p. 81).

No trecho acima, embora a própria protagonista apresente a condição cíclica da poligamia, não exprime conformidade com a situação o que sinaliza sua resistência e desponta a busca pela independência. Nessa perspectiva, farta de um sistema que naturaliza a prática poligâmica, invisibiliza os direitos bem como a posição da mulher na sociedade e emudece perante abusos físicos e psicológicos, a narradora protagonista busca unir forças junto às mulheres do companheiro com vistas a quebra da subsequência dessa prática, enxergando, portanto, nesse processo de unificação e obtenção da independência financeira, uma forma de luta e fuga da submissão e opressão em que estão imersas.

“Levanto os olhos e contemplo o mundo. Num canto, as mulheres juntam-se em roda e as suas vozes explodem num majestoso canto. As ondas de som sobem de tom e serpenteiam no céu como cavalos selvagens. Esperanças, forças e alegrias brotam do suave canto e caem sobre a terra num dilúvio de flores. A minha dor se transforma em alegria, num lance de magia.” (CHIZIANE, 2021, p. 253)

Nessa perspectiva, as personagens começam a dar passos em direção a quebra dessa hierarquização de poderes nas relações, isso se dá, sobretudo, ao perceberem que

partilham dos mesmos sofrimentos e lutas, passando a enxergarem-se como mulheres capazes de unirem-se em prol da transformação de suas realidades. Logo, a sororidade é um ponto central para conquista de espaços das personagens no mercado de trabalho e obtenção da própria renda na tentativa de escapar da realidade de opressão e dominação em que estão inseridas, ao dialogarem constantemente, discorrem sobre a necessidade de “uma fonte de rendimento, um emprego, estaríamos livres dessa situação. É humilhante para uma mulher adulta pedir dinheiro para sal e carvão. (...) – Temos que trabalhar – (...)” (CHIZIANE, 2021, p. 117-118).

Fruto de um contexto social marcado pela desigualdade de gênero, em que há a sobreposição do homem em relação à mulher, Tony contesta a tentativa de autonomia de suas esposas, haja vista que isso acarretaria seu enfraquecimento perante elas, bem como a inversão de poderes, alegando que essa afronta se daria “(...) porque têm dinheiro. Por isso me abusam, porque têm negócios. Por isso me faltam o respeito, porque se sentem senhoras.” (CHIZIANE, 2004, p. 166-167). Essa situação conflituosa explicita o medo dessas mulheres alcançarem, tanto a independência financeira quanto a emocional, ao passo que estariam fora do campo de alcance das manipulações por ele exercidas. Ademais, por conseguinte, isso acaba ferindo profundamente seu ego, pois ao deixar de ser o provedor do lar e considerado um ser superior, sua posição de poder na sociedade também seria diretamente afetada, gerando-lhe uma grande humilhação e insegurança.

Sobre isso, Beauvoir (2016) aponta que a existência da mulher é compreendida a partir de uma relação de interdependência ao homem, fazendo-a ocupar a posição de *Outro* ao não ser concebida de maneira autônoma mas sempre em oposição à figura masculina. Nesse sentido, esse processo de "outroização" provoca, conseqüentemente, o exercício de um papel de subordinação, inferiorização e objetificação, reforçando a desigualdade de gênero. Desse modo, percebemos a convergência entre a proposição de Beauvoir e a tessitura discursiva construída em *Niketche*, haja vista que o personagem Tony aspira a qualquer custo ser o centro da vida e das decisões de suas esposas, quando as personagens buscam romper esse construto, a falta de domínio em relação à essas mulheres é concebida como uma queda de posição na sociedade por ser desempenhado um papel fora daquilo pré-determinado pela sociedade machista e patriarcal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Niketche*, Paulina Chiziane deu voz a personagem Rami para descrever e denunciar temas pungentes na sociedade moçambicana tratando da situação de mães, mulheres e esposas imersas em um contexto poligâmico marcado pela subalternização e suas árduas trajetórias em busca da liberdade. Para tanto, a união de forças entre em prol desse objetivo comum foi fundamental para que as personagens pudessem conquistar a autonomia financeira e reverter parte do cenário no qual estavam inseridas.

Diante disso, percebemos que a literatura configura-se como artefato poderoso de força mobilizadora e conscientizadora ao passo que possibilita através de instâncias ficcionais, confrontar práticas incutidas nos mais diversos contextos socioculturais e

permite que mulheres-escritoras negras sejam capazes de autoinscreverem-se nessas narrativas, assumindo um lugar de fala com a incorporação de discursos que rompem com a invisibilidade construída ao longo da história. A análise aqui desenvolvida aponta que a vocalização feminina é basilar para a conquista de espaços na sociedade, embora a obra ratifique que a mulher ainda não obteve, em sua totalidade, a independência, busca e reivindica incessantemente para sua concretização integral. Logo, a narrativa configura-se como instrumento de apelo para que as vozes femininas possam ecoar como agentes capazes de transformar suas próprias realidades.

Por fim, é necessário reconhecer que as relações machistas e patriarcais, assim como as práticas poligâmicas, ultrapassam as barreiras da ficção e desvelam-se na realidade, mostrando que muitas mulheres moçambicanas mesmo tendo suas vidas marcadas pela violência, silenciamento, dependência financeira e emocional, lutam e reivindicam às formas de dominação do homem sobre a mulher, recusando o silêncio e confrontando uma cultura marcada pela assimetria de gêneros. Por isso, a escrita de Chiziane é sinônimo de resistência, propiciando ao leitor compreender os embates que estão imbricados nos sujeitos femininos ao lidarem com sua condição de mulher oprimida pelos mecanismos de poder patriarcal.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2016.

CRENSHAW, Kimberle. **A interseccionalidade da discriminação de raça e gênero**. 2012. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/KimberleCrenshaw.pdf>> Acesso em: 10 de set de 2024.

CUNHA, Raquel Ferro da. A Voz Feminina: Constituição Da Literatura Pós-colonial Moçambicana. **Revista Historiador Número 03**. Ano 03. Dezembro de 2010.

CHIZIANE, Paulina. Eu, mulher... Por uma nova visão do mundo. In: AFONSO, Ana Elisa de Santana (Coord.). **Eu, mulher em Moçambique**. República de Moçambique: Comissão Nacional para a UNESCO em Moçambique e Associação dos Escritores Moçambicanos: 1994.

CHIZIANE, Paulina. Niketche. **Uma História de Poligamia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CHIZIANE, Paulina. Niketche: **Uma história de poligamia**. 1 ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe: um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). **Representações performáticas brasileiras**. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

MUNANGA, Kabengele. O que é africanidade. In: **Vozes da África** – Biblioteca entre livros. Editora Duetto, edição especial nº 6, 2007.

PASSOS, Elizete. O existencialismo e a condição feminina. In: Motta, Alda Britto da; Sardenberg, C.; Gomes, M. (org.). **Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas**. Coleção Bahianas, n.5. Salvador, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM; FFCH/ Universidade Federal da Bahia, 2000, pp.39-48.

SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, v.15, n.2, p. 5-22, 1990.